

Juche e a República Popular Democrática da Coreia: Uma Profunda Crítica

César Alexandre da Silva Aprile

Introdução:

A Coreia no pós-Segunda Guerra Mundial passou por profundas transformações, principalmente no campo ideológico, com uma bipolarização decorrente do advento da Guerra Fria (12 de março de 1947 – 25 de dezembro de 1991), que marcou o mundo pela ascensão dos EUA e da União Soviética como as duas principais potências. Com isso, ambas assumiram o papel de representar suas respectivas ideologias, as quais influenciaram o mundo até a dissolução da União Soviética.

No contexto da Coreia, enquanto no Sul o capitalismo se tornou predominante devido à influência dos EUA, no Norte, sob a liderança de Kim Il-Sung, um coreano que se destacou como combatente nas tropas anti-japonesas lideradas pelo Partido Comunista no norte da China, aos 24 anos já era Comandante de Divisão. Ele obteve uma vitória significativa sobre os japoneses, ganhando notoriedade entre os chineses. Além disso, recebeu treinamento do exército soviético em 1940, retornando à Coreia em 1945 junto com as tropas soviéticas.

Kim Il-Sung assumiu o posto de Chefe do Comitê Popular Provisório e organizou o Exército Popular da Coreia, marcando seu governo pelo conflito entre as duas Coreias. Durante esse período, ele assumiu o cargo de primeiro-ministro da República Popular Democrática da Coreia e tornou-se vice-presidente do Partido dos Trabalhadores da Coreia do Norte.

Seu governo também ficou caracterizado pela organização da Coreia Popular com base nos princípios do “Juch””, considerado uma aplicação do Marxismo-Leninismo às condições específicas da Coreia. Em 1955, Kim Il-Sung afirmou que:

“para fazer a revolução, eles [coreanos] devem conhecer a sua história, geografia e costumes, e que desta forma poderiam inspirar um espírito revolucionário”(CUMMINGS, 2005, pp. 421-422)

Como mencionado anteriormente, Kim Il-Sung foi um dos coreanos mais notáveis de seu tempo devido à sua luta contra a ocupação japonesa da Península Coreana e da China. Neste contexto, os coreanos foram subjugados pelos japoneses desde 17 de novembro de 1910 (como “Protetorado” do Império Japonês) até 2 de setembro de 1945 (vitória sobre o Império Japonês), totalizando quase 35 anos de dominação.

Isso destaca a importância de o povo compreender sua história, geografia e costumes para entender as condições materiais e históricas de sua revolução. No entanto, em relação ao Juche, é válido ressaltar que, embora inicialmente tenha sido apresentado como uma forma criativa de aplicar o marxismo-leninismo às condições materiais da Coreia, acabou se tornando uma ideologia antimarxista. Este fato foi apontado por Serge Gelinás em sua análise intitulada “North Korea: Socialism is Not Only Anti-Imperialism”, explicando que:

Em resumo, o Juche é definido como "um novo pensamento filosófico centrado no homem" e permite que ele "resolva todos os problemas principalmente por meio de seus próprios esforços". Inicialmente, o Juche foi introduzido como uma "aplicação criativa do marxismo-leninismo", em continuidade com este. No entanto, eventualmente (em 1998, especificamente), qualquer referência ao marxismo-leninismo foi removida da constituição da Coreia do Norte. Em 2009, a própria noção de "comunismo" foi descartada, substituída três anos depois por Kimilsungismo-Kimjongilismo, em referência ao pai e seu filho que governaram sucessivamente a terra até a morte do segundo em dezembro de 2011. (GELINAS, 2015)

O que implica que o Juche, já no final dos anos 90, era uma ideologia completamente separada. Ou seja, não era de fato uma aplicação do marxismo-leninismo às condições da Coreia Popular. Todavia, para afirmar de forma categórica que o Juche é uma ideologia farsante e antimarxista, é necessário analisar quais são os principais componentes para ele ser categorizado minimamente como uma ideologia marxista de fato.

O Juche diferente do Marxismo-Leninismo-Maoísta é Antimaterialista:

A ideologia Juche já surge com um defeito profundo, pois em sua filosofia central, não existe um vestígio marxista, mas é definida por Kim Jong-Il como: “O homem é o dono do seu destino” e que “[Juche é] um novo pensamento filosófico que gira em torno do homem”(“On the Juche Idea”, Kim Jong-Il, 1982, p.8.)

Dentro do contexto do Juche, Kim Jong Il propõe uma abordagem que transcende os limites do materialismo tal como entendido pelo marxismo tradicional. Ele sugere que uma compreensão mais ampla é necessária, indo além das fronteiras do materialismo. Essa perspectiva, distante do paradigma materialista de Marx, reflete uma visão idealista, característica central do Juche:

“As limitações da teoria anterior [o marxismo] baseavam-se na perspectiva materialista da história [que] foi revelada mais claramente no decurso da construção socialista desde o estabelecimento do sistema socialista.”(Kim Jong-Il, Treatise published in Rodong Sinmun, organ of the Central Committee of the Workers’ Party of Korea, dia 1 de Novembro de 1994)

A oposição do Juche ao materialismo se destaca em contraste com os princípios do Materialismo Dialético, uma dicotomia que pode ser ilustrada de forma clara no seguinte exemplo:

“Contrariamente aos seres biológicos, o homem é o mestre e transformador do mundo. Ele molda seu destino por si mesmo, transformando o mundo objetivo para atender às suas necessidades”. (Kim Jong Il: 'Socialism is a Science'; Pyongyang; 1994; p. 12).

O Materialismo Dialético apresenta uma compreensão completa e fundamentada da realidade, ao contrário das correntes filosóficas idealistas. No materialismo, compreendemos o impacto do mundo material e como podemos influenciá-lo dentro de certos limites. Isso fica evidente ao examinarmos a abordagem dialética do materialismo em relação às contradições da Natureza e do Homem, como proposto por Engels:

“Foi Hegel o primeiro que soube expor de um modo exato as relações entre a liberdade e a necessidade. Para ele, a liberdade não é outra coisa senão a convicção da necessidade. “A necessidade somente é cega enquanto não compreendida” [ênfase no original]. A liberdade não reside, pois, numa sonhada independência em relação às leis naturais, mas na consciência dessas leis e na correspondente possibilidade de projetá-las racionalmente para determinados fins. Isto é verdade não somente para as leis da natureza exterior, mas também para as leis que presidem a existência corporal e espiritual do homem: duas espécies de leis que podemos distinguir, quando muito, em nosso pensamento, mas que, na realidade, são absolutamente inseparáveis. O livre arbítrio não é, portanto, de acordo com o que acabamos de dizer, senão a capacidade de decisão com conhecimento de causa. Assim,

pois, quanto mais livre for o juízo de uma pessoa com relação a um determinado problema, tanto mais nítido será o caráter de necessidade determinado pelo conteúdo desse juízo; ao contrário, a falta de segurança que, baseada na ignorância, parece escolher, livremente, entre um mundo de possibilidades distintas e contraditórias, está demonstrando, desse modo, justamente a sua falta de liberdade, está assim demonstrando que se acha dominada pelo objeto que pretende dominar. A liberdade, pois, é o domínio de nós próprios e da natureza exterior, baseado na consciência das necessidades naturais; como tal é, forçosamente, um produto da evolução histórica.”(ENGELS, 1979, pp. 95-96)

Ao compararmos a análise de Engels sobre as contradições da natureza e do homem, podemos observar a distinção entre uma teoria universal e uma teoria particular no materialismo. Essa distinção se reflete na defesa da universalidade do Marxismo-Leninismo-Maoísmo pelo presidente Gonzalo, que também apoia o Pensamento Gonzalo em suas condições específicas no Peru, onde o universal entra em contradição com o particular(MAOIST98, 2000).

Essa abordagem contrasta com a do Juche, que não reconhece essa contradição. O Juche defende que deve ser aplicado como uma teoria particular para as condições específicas do povo coreano, conforme explicado por Kim Jong-Il:

“A fim de comprovar a justiça e superioridade da filosofia Juche, devemos compreender claramente as limitações da filosofia precedente e considerar essa filosofia em sua correlação com a última. Somente ao estudar a filosofia Juche em comparação com a Filosofia Marxista, cujas limitações residem no fato de considerar o desenvolvimento de todas as coisas como um processo da história da natureza, sua superioridade pode ser claramente elucidada. Algumas pessoas tentam explicar os princípios fundamentais da filosofia Juche, incluindo as características essenciais do homem, do ponto de vista da lei geral do desenvolvimento do mundo material, em vez de explicá-los ao esclarecer a lei do movimento social. Em última análise, isso pode ser interpretado como sendo equivalente a tentar explicar a filosofia Juche do ponto de vista do desenvolvimento do Materialismo Dialético Marxista, e não como uma filosofia completamente original. Isso torna impossível esclarecer corretamente a originalidade da Filosofia Juche.”(Kim Jong-Il, On Having a Correct Viewpoint and Understanding of the Juche Philosophy. Talk to the Senior Officials of the Central Committee of the Workers’ Party of Korea. 25 de Outubro de 1990. p.2)

Pois bem, resumidamente, o Juche entra na particularidade de revisar o materialismo, mas com aspectos puramente idealistas. Uma delas reside no fato de que o homem pode controlar o seu destino e, com isso, ele consegue subjugar as condições materiais à sua vontade, substituindo completamente o materialismo pela noção da mente sobre o homem

É importante lembrar que o materialismo compreende a inseparabilidade entre matéria¹ e mente; o subjetivo está intrinsecamente ligado ao objetivo. A consciência não existe de forma independente da matéria; ela é uma manifestação específica da matéria em movimento, interagindo com outras formas materiais.

Essa interação entre mente e matéria é crucial, pois as influências recíprocas são refletidas na consciência e, por sua vez, se manifestam em ações que modificam a matéria. Essa compreensão nos leva a perceber que não podemos dissociar completamente a mente do mundo material ao nosso redor, pois são interdependentes e se influenciam mutuamente, delineando nossa percepção e atuação no mundo(MAOIST98, 2000).

O idealismo sustenta a visão de que o homem tem o poder de transformar a matéria, porém, não reconhece que as ideias humanas não existem independentemente da matéria; elas são, na verdade, reflexos da matéria, como já mencionado anteriormente. De acordo com essa perspectiva, as ideias corretas são profundas manifestações da realidade material, enquanto as ideias equivocadas representam uma distorção da matéria, uma inversão da realidade objetiva.

Dessa forma, o idealismo argumenta que a transformação da consciência humana está intrinsecamente ligada à transformação das condições objetivas. Em outras palavras, para que o homem possa alterar sua visão de mundo e suas concepções, é necessário que ele primeiro intervenha e modifique as circunstâncias materiais que o cercam.

¹ O termo matéria que está sendo descrito neste caso, se refere às formas particulares de matéria em movimento que são diferentes da consciência. Ou seja, o homem pode controlar e mudar seu ambiente, mas apenas dentro das suas próprias condições(as limitações materiais), tornando impossível dele se tornar mestre de seu destino.

O Juche diferente do Marxismo-Leninismo-Maoísta é Antidialético:

O Juche frequentemente faz referência ao Materialismo Dialético, todavia, parte de uma distorção completa do mesmo, como pode ser notado nos escritos de Kim Jong Il:

O conteúdo principal do materialismo dialético marxista é o princípio da unidade dos opostos e da luta entre eles. No entanto, este não é um problema que deve ser considerado simplesmente de um ponto de vista científico. Assim como outros problemas teóricos do marxismo-leninismo, a lei da unidade dos opostos e da luta entre eles deve ser considerada historicamente a partir do ponto de vista da prática revolucionária. Foi atribuída importância a essa lei no materialismo dialético marxista. Isso se deve ao fato de que era uma tarefa importante e histórica elucidar filosoficamente as contradições socioeconômicas da então sociedade capitalista e a lei da luta de classes. Portanto, eu acredito que o princípio da unidade e luta entre opostos elucidado pela filosofia marxista tem muitos pontos questionáveis na clarificação da lei do desenvolvimento da sociedade socialista no presente. É por isso que não mencionamos muito esse princípio ao explicar a teoria da filosofia Juche. (Kim Jong-Il, On Having a Correct Viewpoint and Understanding of the Juche Philosophy. Talk to the Senior Officials of the Central Committee of the Workers' Party of Korea. 25 de Outubro de 1990. p.3)

Kim Jong-Il está, basicamente, rejeitando a Dialética sob o argumento de que ela é irracional e inaplicável. No entanto, o Materialismo Dialético é a única interpretação correta do mundo, visto que reflete adequadamente as leis gerais do movimento e desenvolvimento da matéria, conforme explicado por Engels:

“Da mesma forma, todo ser orgânico é, a qualquer momento, ele mesmo e outro; a todo momento, assimila matérias absorvidas do exterior e elimina outras do seu interior; a todo momento, algumas células morrem e outras nascem em seu organismo; e durante um período mais ou menos prolongado, a matéria de que é formado renova-se totalmente, e novos átomos de matéria vêm ocupar o lugar dos antigos, tornando todo o seu ser orgânico simultaneamente o que é e algo diferente.

Da mesma maneira, ao observarmos as coisas com atenção, verificamos que os dois polos de uma antítese, o positivo e o negativo, são tão inseparáveis quanto antitéticos entre si, e que, apesar de todo o seu antagonismo, se penetram reciprocamente. Vemos que a causa e o efeito são representações que só regem como tais em sua aplicação ao caso concreto, mas, ao examinarmos o caso concreto em sua concatenação com a imagem total do universo, unem-se e diluem-se na ideia de uma trama universal de ações e reações, na qual as causas e os efeitos mudam constantemente de lugar, e o que é agora ou aqui como efeito adquire, em seguida ou ali, o caráter de causa, e vice-versa.”(ENGELS, 1999, pp. 84-85)

A ideia de que uma força inevitavelmente irá sobrepujar a outra é uma consequência desse entendimento. No embate entre dois elementos antagônicos, seja na esfera social, política ou natural, uma tendência à supremacia de um sobre o outro se

manifesta. Essa dinâmica de luta e superação é um reflexo da lei dos opostos e da mudança dialética que permeia todas as coisas.

Ao aplicar esse conceito à condição humana, compreendemos que os indivíduos e as sociedades estão imersos nesse processo de conflito e mudança. Nenhum ser humano ou sistema social existe de forma estática e isolada; todos estão sujeitos às influências e interações dos opostos. Cada elemento, seja uma ideia, uma instituição ou uma estrutura social, contém dentro de si mesmo contradições que impulsionam seu desenvolvimento e transformação.

Portanto, a afirmação de que o homem não existe independentemente das leis do materialismo dialético ressalta a interdependência entre os seres humanos e o ambiente em que vivem. Somos parte de um sistema complexo de relações e processos em constante movimento, onde a luta entre opostos é uma força motriz fundamental. Reconhecer e compreender essa realidade nos permite analisar criticamente os conflitos e as mudanças na sociedade e na história, buscando compreender as contradições subjacentes e as possibilidades de transformação.

“A natureza é a pedra de toque da dialética, e as modernas ciências naturais nos oferecem para essa prova um acervo de dados extraordinariamente copiosos e enriquecido cada dia que passa, demonstrando com Isso que a natureza se move, em última instância, pelos caminhos dialéticos e não pelas veredas metafísicas, que não se move na eterna monotonia de um ciclo constantemente repetido, mas percorre uma verdadeira história. Aqui é necessário citar Darwin, em primeiro lugar, quem, com sua prova de que toda a natureza orgânica existente, plantas e animais, e entre eles, como é lógico, o homem, é o produto de um processo de desenvolvimento de milhões de anos”(ENGELS, 1999, pp. 85-86)

A unidade dos opostos é uma explicação da contradição que está interligada, culminando com a supremacia de um sobre o outro. Ao afirmarmos que os opostos têm identidade, o presidente Mao destaca que cada um deles desempenha um papel essencial na determinação do outro. Eles não são simplesmente entidades separadas em oposição, mas sim partes de um todo dinâmico e interconectado.

Essa visão nos leva a entender que a contradição não é apenas um conflito entre forças opostas, mas também uma fonte de desenvolvimento e mudança. É por meio da interação e da luta entre opostos que surgem novas formas e qualidades, e é esse processo dialético que impulsiona o movimento da história e da realidade:

“Mais atrás, dissemos que existia uma identidade entre dois fenômenos opostos e que, por esse motivo, eles podiam coexistir numa mesma unidade e mesmo converter-se um no outro; tudo está, pois, nas condições, isto é, em

condições determinadas, eles podem chegar à unidade e se converter um no outro, e, sem essas condições, é-lhes impossível constituir uma contradição ou coexistir na mesma unidade, tal como se transformar um no outro. A identidade dos contrários só se forma em condições determinadas, razão por que a identidade é condicionada, relativa. Acrescentemos ainda que a luta dos contrários penetra todo o processo do princípio ao fim e leva à transformação de um processo no outro, que ela está presente em toda parte e que, em consequência, é incondicionada, absoluta.”(ZEDONG, 1999, p.73)

No âmbito das contradições em sistemas complexos, a distinção entre contradições principais e subordinadas desempenha um papel crucial na compreensão da dinâmica em evolução. A contradição principal é aquela que exerce a maior influência no desenvolvimento global do sistema, enquanto as contradições subordinadas têm um impacto secundário. Identificar quais contradições ocupam esses papéis em um contexto específico é essencial, assim como reconhecer como essas relações podem se transformar ao longo do tempo em resposta a diferentes influências e condições.

Um exemplo semelhante de transformação na natureza pode ser observado na transição das larvas para borboletas durante o processo de metamorfose. Inicialmente, as larvas estão em um estado sólido, representado pela crisálida, onde estão confinadas e imóveis devido à predominância de certas estruturas físicas. Nesse estágio, as larvas estão limitadas em sua mobilidade e desenvolvimento, aguardando a mudança.

À medida que o tempo passa e as condições internas e externas mudam, a contradição principal se altera. Gradualmente, a energia interna acumulada nas larvas começa a superar as forças que as mantêm presas na crisálida. Isso leva à transição do estado sólido para o líquido, onde ocorre uma reorganização interna significativa.

Agora, as larvas passam por uma fase de rápida transformação, onde as forças internas predominantes permitem uma maior mobilidade e mudança estrutural. Durante esse estágio líquido da metamorfose, as larvas se transformam em uma forma completamente diferente - as borboletas. Esse novo estado permite que as borboletas se movam mais livremente e explorem o ambiente de uma maneira que antes não era possível.

A aplicação desse conceito de contradições principais e subordinadas se estende para além dos fenômenos físicos, podendo ser observada em sistemas sociais, econômicos e naturais. Reconhecer essas dinâmicas hierárquicas é fundamental para

uma análise mais profunda e uma compreensão mais completa da complexidade que envolve os processos evolutivos em diferentes contextos.

Entretanto, de acordo com os princípios do Juche, na relação entre o homem e a natureza, o ser humano é considerado sempre o elemento predominante. De acordo com essa perspectiva, é o homem que exerce influência sobre a natureza, modificando-a de acordo com suas necessidades e desejos. Em contrapartida, não se reconhece que a natureza possa moldar os desejos ou as ações do homem. Essa concepção reflete a essência do idealismo, onde a primazia é dada à vontade humana sobre os eventos naturais.

“Alguns pensam que não acontece assim com relação a certas contradições. Para eles, na contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, por exemplo, o aspecto principal é constituído pelas forças produtivas; na contradição entre a teoria e a prática, o aspecto principal é constituído pela prática; na contradição entre a base econômica e a superestrutura, o aspecto principal é constituído pela base econômica; e as posições respectivas desses aspectos não se convertem umas nas outras. Essa concepção é a do materialismo mecanicista e não a do materialismo dialético. É certo que as forças produtivas, a prática e a base econômica desempenham em geral o papel principal e decisivo, de tal maneira que quem quer que o negue não é materialista; contudo, há que reconhecer que, em circunstâncias determinadas, as relações de produção, a teoria e a superestrutura podem desempenhar, por sua vez, o papel principal e decisivo. Sempre que, por falta de uma modificação nas relações de produção, as forças produtivas não podem continuar a desenvolver-se, a modificação dessas relações de produção desempenha o papel principal e decisivo.”(ZEDONG, 1999, pp.63-64)

Mao (1999, p.64) ainda enfatiza que, no enfrentamento de qualquer tarefa, é imperativo estabelecer uma orientação clara, um método definido, um plano estratégico ou uma política coerente. A ausência desses elementos pode resultar em indecisão e ineficácia. Em situações em que a superestrutura, composta por elementos como política e cultura, impede o progresso da base econômica, as transformações políticas e culturais emergem como fatores cruciais e decisivos.

Essa abordagem não contrapõe os princípios do materialismo. É necessário reconhecer que, no curso geral do desenvolvimento histórico, é o material que determina o espiritual, e o ser social que influencia a consciência social. Contudo, também é crucial destacar a reciprocidade entre o espiritual e o material, a consciência social e o ser social, bem como a influência da superestrutura sobre a base econômica.

Adotar essa perspectiva não implica em rejeitar o materialismo; pelo contrário, significa abraçar o materialismo dialético. Dentro dessa abordagem, procuramos evitar

cair no materialismo mecanicista, que simplifica as relações entre os elementos sociais, e reconhecemos a complexidade das interações entre a superestrutura e a base econômica. Ao fazer isso, buscamos compreender e abordar as complexidades do desenvolvimento histórico e social, reconhecendo a dinâmica constante entre diferentes dimensões da realidade. Essa visão, centrada no leitor, proporciona uma compreensão mais profunda das nuances do processo de evolução da sociedade.

A filosofia Juche distorce a compreensão da luta de classes.

A República Democrática Popular da Coreia passou por um breve período de tentativa de construção do socialismo, embora nunca tenha conseguido implementá-lo completamente. Apesar de afirmar que essa construção estava em consonância com os princípios do marxismo-leninismo, isso se revelou uma completa farsa, uma vez que o Juche distorce e deturpa os princípios fundamentais da luta de classes.

Kim Jong-Il sustenta a ideia de que o comunismo pode ser alcançado ao revolucionar a população, um conceito denominado “classificação trabalhadora”, e ao intelectualizar todos os membros da sociedade (JONG-IL, 1982, pp. 60-61).

No contexto da Coreia Popular, Kim Il-Sung adotava uma abordagem de remodelação pacífica dos capitalistas, utilizando-se da educação e persuasão em vez de recorrer à luta direta. Essa estratégia está alinhada com os princípios do Juche, que enfatiza a defesa da pátria, partindo do pressuposto de que todos os habitantes compartilham o objetivo comum de proteger o país contra ameaças externas.

No entanto, essa abordagem pode negligenciar as contradições internas inerentes à sociedade de classes, ao tratar toda a população da Coreia Popular como um único ente, o “povo”, e considerar todos os outros como “inimigos”. Essa perspectiva guarda semelhanças com a proposta de “Ditadura de Todo o Povo” sugerida por Khrushchev.

Ao buscar remodelar os capitalistas de forma pacífica e ao considerar a defesa da pátria como o principal objetivo unificador, há o risco de minimizar ou ignorar as tensões internas e as desigualdades sociais presentes na sociedade coreana. Essa abordagem pode resultar na perpetuação de um sistema de poder que, em última

instância, não aborda completamente as necessidades e aspirações de todos os segmentos da sociedade.

Kim Il-Sung tende a minimizar as contradições internas entre as classes sociais dentro do país, considerando-as distrações em comparação com a “ameaça externa” que ele percebe como o verdadeiro inimigo. No entanto, é importante reconhecer que essas contradições internas desempenham um papel significativo na dinâmica política e social de uma nação.

Por exemplo, embora os comunistas em países semicoloniais e semifeudais possam temporariamente se aliar a outras classes em face de ameaças externas comuns, como o Partido Comunista da China fez com o Kuomintang durante a luta contra o Império Japonês, é essencial não ignorar as contradições internas existentes entre os diferentes estratos da sociedade. Essas contradições muitas vezes refletem interesses divergentes e podem moldar o curso dos eventos políticos e sociais de maneira significativa. Portanto, é fundamental considerar tanto as ameaças externas quanto as dinâmicas internas ao se formular estratégias políticas e de resistência.

Ao mesmo tempo, ele tenta reconciliar o que são, na realidade, contradições entre o povo e o inimigo, desde que os elementos do inimigo sejam coreanos. Ser coreano, de alguma forma, torna alguém patrioticamente coreano e progressista para Kim Il-Sung. Para entender isso, voltemos ao exemplo utilizado da aliança temporária do Partido Comunista da China e do Kuomintang contra o Império Japonês. Seguindo a linha de raciocínio de Kim Il-Sung, o conflito entre eles seria resolvido por meio de uma colaboração de classes, eliminando completamente a luta de classes.²³

A colaboração de classes é a noção idealista de que todas as classes deveriam colaborar para servir ao país, em vez de se concentrarem nas contradições de classe, criando assim uma “coexistência” pacífica de classes. Para Andrea Matles Savada, o termo que talvez melhor capte este sistema é corporativismo.

“A doutrina corporativista socialista sempre preferiu uma política orgânica à concepção liberal e pluralista: um corpo político corporal em vez de um conjunto de grupos e interesses diversos.”(SAVADA, 1993)

² “Corporatism & the Juche Idea”, Andrea Matles Savada, ed., 1993.

³ “On Preserving the Juche Character & National Character of The Revolution & Construction”, Kim Jong-Il, 1997.

Essa visão de mundo proletária proposta por Kim Il-Sung é exatamente semelhante à visão fascista, que tem como objetivo principal apenas proteger a pátria. Ou seja, não há burguesia nem classes antagônicas: o inimigo é identificado como externo à Coreia Popular; caso contrário, estaria necessariamente em conluio com países estrangeiros (GELINAS, 2015).

A questão reside em proletarizar o povo, e não constitui necessariamente um erro, pois isso implica a transformação da visão pequeno-burguesa para uma perspectiva proletária. No entanto, é igualmente normal trabalhar e colaborar com os intelectuais, conforme Mao nos mostra em sua obra “Sobre o tratamento correto das contradições entre o povo”. Neste texto, Mao expõe como criticá-los e remodelá-los para que sirvam à classe proletária, adotando a perspectiva comunista do mundo e abandonando seu ponto de vista burguês:

“Embora um grande número de intelectuais tenha feito progressos, não devem ser complacentes. Eles devem continuar a remodelar-se, abandonar gradualmente a sua visão de mundo burguesa e adquirir a visão de mundo proletária e comunista, para que possam adaptar-se plenamente às necessidades da nova sociedade e unir-se aos trabalhadores e camponeses. A mudança na perspectiva mundial é fundamental e, até agora, não se pode dizer que a maioria dos nossos intelectuais a tenha conseguido. Esperamos que continuem a fazer progressos e que, no decurso do trabalho e do estudo, adquiram gradualmente a perspectiva comunista do mundo, compreendam o Marxismo-Leninismo e se integrem nos trabalhadores e camponeses. Esperamos que não parem a meio caminho ou, o que é pior, retrocedam, pois não haverá futuro para eles retrocederem.”(ZEDONG, 1960, p.42)

Contudo, o que Juche fez com a Coreia Popular foi transformar os intelectuais (Samuwon ou Intelligentsia) em uma terceira classe social. Na teoria marxista, eles não representam uma classe social por si só, mas constituem um estrato diversificado de profissionais que podem ter condições e pensamentos semiproletários ou pequeno-burgueses.

A ditadura do proletariado é considerada necessária para colocá-los a serviço da classe proletária. Na obra intitulada “Sobre os problemas do período de transição do capitalismo ao socialismo e à ditadura do proletariado”, Kim Il-Sung os define como parte das “massas revolucionárias”, não fazendo uma distinção adequada entre as classes e seus papéis na sociedade socialista.

Numa outra perspectiva, enquanto Mao reconhece o papel importante dos intelectuais, ele enfatiza a necessidade de remodelá-los com uma mentalidade proletária, deixando para trás sua visão burguesa. Essa questão de superar a divisão entre trabalho

manual e intelectual, bem como entre áreas urbanas e rurais, foi central nos congressos partidários recentes, porém, a disparidade persiste visivelmente.

Além disso, uma visão que defende a pátria e nega a luta de classes é revisionista. Em vez de abraçar a luta de classes, essas visões apoiariam a burguesia em nome da defesa nacional, ignorando as questões sociais fundamentais.

Para enfrentar a complexidade da sociedade, é essencial recorrer à teoria e às práticas adequadas, como a Grande Revolução Cultural Proletária (GRCP), a luta de duas linhas e a crítica contínua. O objetivo do partido comunista é abordar essas questões de forma diligente, evitando cair em uma visão idealista.

O Juche, por exemplo, não apenas rejeita uma perspectiva materialista apropriada, mas também nega a própria realidade da dialética. É fundamental compreender que lidar com as nuances da sociedade requer uma abordagem fundamentada na análise crítica e na ação prática, em vez de se perder em concepções idealizadas que ignoram as complexidades da realidade social.

O Juche desvirtua a dialética ao fomentar uma postura anti-crítica

A República Popular Democrática da Coreia se envolveu em conflitos conhecidos como “guerras legítimas”, sendo a primeira contra o Império Japonês. O domínio japonês não apenas subjugou os coreanos, mas também impôs a cultura japonesa na região, inclusive proibindo o uso de nomes coreanos e da língua coreana. Outra guerra ocorreu contra o pré-arqui-imperialismo dos Estados Unidos.

Com o armistício da Guerra da Coreia, uma parte da Península Coreana adotou um sistema socialista. O Partido dos Trabalhadores da Coreia (PTC), com o apoio dos soviéticos e chineses, ascendeu ao poder e conquistou popularidade entre as massas. Em 1948, o PTC era dirigido pelo Presidente do Comitê Administrativo da Assembleia Suprema do Povo da Coreia Democrática, Kim Tu-Bong. Entretanto, posteriormente, ele foi sucedido por Kim Il-Sung. Essa mudança de liderança ocorreu um ano antes do início da Guerra da Coreia, marcando o início da consolidação do poder da linha direitista (“New Evidence on North Korea in 1956”, Cold War International History Project Bulletin, Issue 16, p.452).

Em 1956, com a consolidação do oportunismo Khrushchevista no poder da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, teve início um período de transformações significativas na política interna soviética. Este período ficou marcado pelo início do desmantelamento da Ditadura do Proletariado, uma mudança radical em relação à linha política anteriormente adotada sob o regime de Stalin. Esta transição, conhecida como desestalinização, não só implicou na revisão e crítica das políticas stalinistas, mas também na adoção de uma abordagem mais flexível e conciliatória em relação ao Ocidente.

Essa mudança de rumo na União Soviética não passou despercebida no cenário internacional, e teve um impacto significativo nas relações sino-soviéticas. A desestalinização e as políticas reformistas de Khrushchev foram vistas com desconfiança pelo governo do presidente Mao. A crescente divergência ideológica e estratégica entre a URSS e a China acabou por estabelecer as bases para a divisão sino-soviética, que se manifestaria mais claramente nos anos seguintes.

Na Coreia Popular, a linha direita adotou práticas semelhantes aos direitistas da PCUS, realizando expurgos, detenções e execuções daqueles que apoiavam uma linha

oposta na Coreia. A principal facção que se opôs a Kim Il-Sung foi a facção Yan'an, que passou a criticá-lo abertamente.

A Yan'an enfrentou notáveis desafios ao tentar formar uma coalizão com a facção revisionista soviética do partido, liderada por Pak Ch'angik. Além disso, essa coalizão não se baseava em ideologia ou identidade compartilhada, mas apenas na retórica anti-Kim Il-Sung, resultando em uma abordagem inadequada e falha para lidar com as questões pertinentes e o direitismo de Kim Il-Sung.(GUANGXI, 2012, p.56)

Kim Il-Sung optaria, em contrapartida, por adotar medidas administrativas para remover os dissidentes do partido.

A Facção Yanan e alguns membros da Facção Soviética foram expurgados do Partido dos Trabalhadores por serem críticos de Kim Il-sung em agosto de 1956. Alguns membros da Facção Yanan foram exilados para a China. Em 18 de setembro do mesmo ano, Mao Zedong realizou discussões com uma delegação soviética liderada por Anastas Mikoyan, durante as quais foi tomada a decisão de enviar uma delegação para a Coreia do Norte. (GUANGXI, 2012, p.72)

Esse procedimento revela uma distorção unilateral do materialismo dialético no contexto da contradição entre centralismo e democracia. A compreensão maoista da contradição entre centralismo e democracia é que o centralismo é geralmente o principal.

Kim Il-Sung manipulou em nome do Partido para perturbar a unidade partidária, ocasionando divisões nas relações entre os membros, promovendo o surgimento de conflitos e disputas, e, posteriormente, tirou vantagem disso:

“Com base em nossa experiência pessoal e observações durante os últimos 11 anos, nas próprias opiniões do camarada Kim Il Sung, ele é um defensor do culto da personalidade heroica e, ao mesmo tempo, um astuto enganador cujas palavras diferem de suas ações.

Utilizando-se do nome do Partido, ele perturbou a unidade partidária, causou divisões nas relações entre camaradas, promoveu o surgimento de brigas e conflitos entre eles e, em seguida, tirou vantagem disso. Por 11 anos, ele usou funcionários que chegaram da União Soviética contra o quadro local e o quadro que chegou da China, e usou o quadro local para minar a autoridade dos funcionários que chegaram da URSS e China, causando divisões nas relações entre os quadros que chegaram da URSS e China e também entre os quadros da Coreia do Norte e do Sul.”(“Letter from Seo Hwi, Yun Gong-heum, Li Pil-gyu, and Kim Gwan to the Chinese Communist Party Central Committee”, 1956, History and Public Policy Program Digital Archive, GARF, Fond 5446, Opis 98, Delo 721, Listy 170-190.)

Ou seja, Kim Il-Sung neste contexto, não tinha o porque promover uma luta honesta, entre diferentes ideias de diferentes tipos, a fim de elevar o nível de unidade no

partido. Ele sustentou que a unidade do partido só pode ser preservada eliminando todas as lutas dentro dele. A abordagem de Kim Il-Sung foi a do ultracentralismo:

“A constituição prevê que o SPA seja eleito a cada cinco anos por sufrágio universal. O artigo 88.º indica que o poder legislativo é exercido pela SPA e pela Comissão Permanente da SPA quando a assembleia não está em sessão. As eleições para a Nona Assembleia Popular Suprema foram realizadas em abril de 1990, com 687 deputados, ou representantes, eleitos. O KWP aprova uma lista única de candidatos que se candidatam às eleições sem oposição.”(SAVADA, 1993)

Essa passagem destaca a influência do KWP (Partido dos Trabalhadores da Coreia) na formação da Assembleia Popular Suprema (SPA) e como as eleições são realizadas sem oposição real devido à aprovação de uma lista única de candidatos pelo partido. Isso está relacionado à abordagem de Kim Il-Sung, mencionada como ultracentralismo, na preservação da unidade do partido.

Todavia, vale destacar que a questão da lista de candidatos não é um problema realmente, ela é nada mais que uma medida de centralização para garantir a eleição de figuras estranhas, das quais Andrei Zhdanov nos demonstra por meio de sua obra de 1937 “Trabalhadores de Todos os Países, Uni-vos!”, o porque essa lista deveria ser abolida:

“É bastante claro que se as conferências de secretários e delegados já resolveram a questão antecipadamente, é extremamente difícil garantir a rejeição de qualquer candidato em uma reunião ou conferência geral. Como regra, nas próprias conferências, não é aberta nenhuma discussão sobre os candidatos, a votação é realizada na lista como um todo e não nos candidatos individuais, transformando assim o procedimento de eleição em mera formalidade. A ideia na conferência é a rapidez. Um presidente é escolhido, que, arregaçando as mangas, pode "passar rapidamente" pela eleição da lista em cerca de vinte minutos. Dessa forma, obtemos uma manifestação de completa unanimidade e, ao mesmo tempo, não há oportunidade para levantar objeções sérias. Em vez de permitir que as pessoas na própria conferência participem da discussão, em vez de abrir caminho para críticas amplas e objeções aos candidatos indicados, tudo se reduz a uma estreita "técnica" organizacional que tem apenas um propósito - criar uma barreira contra críticas pelos membros do Partido.”(ZHDANOV, 1937, pp. 55-56)

O argumento central é que, se as conferências de secretários e delegados decidem previamente a questão, torna-se extremamente difícil rejeitar qualquer candidato durante uma reunião ou conferência geral. Nas conferências, não há discussão aberta sobre os candidatos, a votação ocorre na lista como um todo, não nos candidatos individuais, convertendo o processo eleitoral em mera formalidade.

O foco é na rapidez da conferência, onde um presidente é escolhido para conduzir a eleição da lista em cerca de vinte minutos, resultando em uma manifestação

de completa unanimidade, sem espaço para objeções sérias. Zhdanov argumenta contra essa abordagem, defendendo a participação das pessoas na discussão durante a conferência, permitindo críticas amplas e objeções aos candidatos, em oposição à estreita “técnica” organizacional que visa criar uma barreira contra críticas por parte dos membros do partido.

Ou seja, a reforma constitucional de 1936 na URSS iniciou esforços para abolir o sistema de listas de candidatos coletivos pré-determinadas por comissão partidária. Isso ocorreu porque essa medida deveria ser abolida à medida que a consciência das massas se elevava. Com 19 anos de construção socialista na URSS, esse processo teve início. Entretanto, mesmo após 77 anos de “socialismo” na Coreia, o modelo das listas pré-determinadas permanece, demonstrando claramente uma distorção burocrática do centralismo democrático.⁴

No dia 28 de dezembro de 1956, Ivanov apresentou um extenso relatório à liderança soviética, resumindo a situação na Coreia do Norte. Esse ano representou uma virada crucial para a República Popular Democrática da Coreia (DPRK), conforme apontou o embaixador. O Terceiro Congresso do Partido dos Trabalhadores da Coreia (KWP) e o Plenário de agosto não refletiram as decisões cruciais do Vigésimo Congresso do Partido Comunista da União Soviética (CPSU), e Kim Il Sung evitou autocrítica, rotulando seus críticos como uma “facção voltada para o poder”.(New Evidence on North Korea in 1956”, Cold War International History Project Bulletin, Issue 16, p.461)

Kim Il-Sung acabou por fazer uma viagem para Moscou, pra se encontrar com Khrushchev, mas neste meio tempo a Yan'an estava preparando uma crítica à facção direitista do Partido dos Trabalhadores. Em resposta, Il-Sung adiou a assembleia geral que estava originalmente marcada para 2 de agosto para 30 de agosto.

Além disso, Kim enviou uma ordem secreta a Kim Kwanghyöp, instruindo-o a preparar as forças de combate ao longo da fronteira para a guerra e a deslocar duas divisões do exército para a área de Kanli [Ganli], ao norte de P'yöngyang. O objetivo era afirmar abertamente que qualquer pessoa que criticasse a liderança do partido na assembleia geral seria expulsa:

⁴ Exposição feita por Daniel Victor Carvalho Santana

“Ch’oe Yonggŏn e o Ministério das Relações Exteriores enviaram um telegrama urgente a Kim Il-sung, que na época visitava a União Soviética e o Leste Europeu, detalhando as atividades do grupo de oposição. Enquanto isso, a situação chocante no Leste Europeu, que Kim testemunhou diretamente durante sua visita, ajudou a solidificar a crença de Kim Il-sung de que medidas rigorosas precisavam ser implementadas contra a oposição. Kim Il-sung adiou a assembleia geral de 2 de agosto para 30 de agosto de 1956. Ele só anunciou a abertura da assembleia um dia antes para confundir a oposição. Kim enviou uma ordem secreta a Kim Kwanghyŏp instruindo-o a preparar forças de combate ao longo da fronteira para a guerra. Ele também enviou mensagens a funcionários de férias ou licença para retornarem às suas unidades militares e reuniu duas divisões do exército na área de Kanli [Ganli], ao norte de P’yŏngyang. Pouco antes da assembleia geral, Kim Il-sung e sua facção fizeram uma demonstração de força projetada para superar e dismantelar a oposição. Nesse sentido, Kim e sua facção afirmaram abertamente que qualquer pessoa que criticasse a liderança do partido na assembleia geral seria expulsa do partido.”(GUANGXI, 2012, pp.56-57)

Essa prática vai contra o marxismo, pois um dos seus princípios fundamentais é a aprendizagem e o tratamento de ideias incorretas através da “Crítica implacável de tudo o que existe”. Todavia Kim, como evidenciado, vai na contramão deste princípio, já que ele colocou a sua disposição todas as ferramentas necessárias para reprimir e punir todos aqueles a que criticasse o partido ou as suas linhas, sendo por sua vez uma noção fascista que promove a “Liberdade da crítica”.

Durante um discurso de Yon Gong-Heum, membro da facção Yan'an, questionamentos da linha direita interromperam o pronunciamento. Apenas fragmentos do discurso foram audíveis, nos quais Yon Gong-Heum criticava Kim Il-Sung:

“Métodos de ameaças e vigilância estão sendo empregados em relação aos nossos camaradas, que são dedicados ao Partido e à revolução e que ofereceram opiniões e sugestões construtivas, [...] Ele [Kim Il-Sung] mesmo pisoteia grosseiramente a democracia intra-partidária e suprime a crítica; essas ações contradizem completamente o estatuto do Partido e as normas leninistas da vida partidária; isso significa minar os princípios revolucionários marxistas-leninistas.” (Draft of a Statement by Yun Gong-heum at the CC Plenum of the Korean Workers’ Party in August 1956, p. 2)

Isto ficou na história como “O Incidente de Agosto”(GUANGXI, 2012, p.47), marcando o início da visão reacionária de Kim-II Sung e dos Kim em geral na sociedade norte-coreana.

A Questão do Songun:

A política Songun, desenvolvida por Kim Jong-Il e adotada pela República Popular Democrática da Coreia, representa uma abordagem singular que prioriza o papel do Exército Popular da Coreia em todas as esferas do Estado e na alocação de recursos. No entanto, ao contrário do que Songun diz defender, a “centralidade dos assuntos militares na construção do socialismo coreano”, ele está intrinsecamente ligado ao militarismo, que tem raízes históricas principalmente no fascismo e no expansionismo, marcando uma divergência dos princípios comunistas.

O Songun parte de uma abordagem fascista ao conferir ao Estado e às suas forças militares o controle sobre a classe trabalhadora, obrigando as massas a aderirem ao Estado e seu aparato militar, enquanto ficam sem qualquer tipo de instrução nos princípios proletários e sem acesso a armamentos.

Ao mesmo tempo em que o Songun diz defender a construção do socialismo coreano, ele conduz à exclusão do proletariado de sua função revolucionária primordial como a principal linha de defesa do socialismo, indo contra os princípios marxistas-leninistas-maoístas.

Neste contexto, emerge uma questão intrigante que convoca à reflexão: Qual é a justificativa por trás da centralização dos assuntos militares, conferindo ao Exército burguês o papel de organismo de defesa da revolução? Tal fenômeno suscita uma análise crítica, pois implica uma inversão de valores e princípios que se alinham perigosamente com o núcleo ideológico do próprio fascismo.

A centralização do poder militar em uma estrutura desvinculada das massas e, conseqüentemente, do proletariado, é remanescente das práticas autoritárias e totalitárias que caracterizam regimes fascistas como a Alemanha fez ao colocarem a Sturmabteilung e a Schutzstaffel, como a força paramilitar prioritária do partido ou com os Tigres de Arkan e as Águias Brancas dos Sérvios-Chetniks sob liderança do chetnik Slobodan Milošević. Isso se traduz em uma usurpação do verdadeiro espírito revolucionário, no qual as massas desempenham um papel central na defesa e na construção do novo sistema.

A legitimação dessa centralização militar sob o pretexto de defesa revolucionária pode ser interpretada como um mecanismo para consolidar o controle da

elite burocrática sobre o Estado e, por conseguinte, perpetuar seu domínio sobre a sociedade. Assim, a questão não se restringe apenas à organização militar, mas sinaliza um desvio ideológico preocupante que ameaça os fundamentos do movimento revolucionário e abre caminho para a manifestação de tendências autoritárias e antidemocráticas, características intrínsecas ao fascismo.

Essa análise evidencia a realidade objetiva da ascensão da burguesia burocrática na Coreia Popular, caracterizada pela centralização do poder militar no Exército burguês e pela criação das condições para o controle estatal. Tal desenvolvimento pode resultar na formação de uma força paramilitar fascista, comparável às Sturmabteilung, Schutzstaffel, Águias Brancas ou os Tigres de Arkan. Essa dinâmica contraria os princípios fundamentais do marxismo-leninismo-maoísmo, uma vez que um país desprovido de um exército popular, ou seja, sem a participação ativa das massas, compromete a viabilidade da revolução.

A Crítica do Juche contra a Revolução Cultural

Primeiramente, devemos entender que o Juche é uma filosofia antimarxista e opõe-se à luta de classes, como destacado por Gelinas, conforme sistematizado ao longo da Revolução Cultural:

“Juche é o oposto da compreensão marxista-leninista-maoísta das classes e da luta de classes sob o socialismo, tal como sistematizada durante a Revolução Cultural da China. O GPCR tinha como objectivo revolucionar a sociedade e avançar em direcção ao comunismo através da mobilização colectiva das massas na luta de classes; não teve nada a ver com revolucionar os indivíduos no sentido moral.”(GELINAS, 2015)

Para compreender a crítica do Juche à Revolução Cultural, é necessário contextualizar historicamente. Na década de 1960, o presidente Mao Zedong liderou a Grande Revolução Cultural Proletária na China, uma iniciativa radical destinada a eliminar os vestígios da antiga cultura capitalista e feudal em uma sociedade em transição para o socialismo. Essa revolução, caracterizada por um fervor ideológico intenso e uma participação popular em larga escala, confrontou diretamente os costumes tradicionais e as ideias burguesas, desafiando os académicos conservadores.

Os revolucionários travaram uma luta incansável que não apenas eliminou influências culturais consideradas contrárias aos princípios socialistas, mas também impulsionou um crescimento económico sem precedentes e uma expansão notável das forças produtivas do país. Como resultado, a qualidade de vida da população experimentou melhorias significativas, causando um impacto profundo não apenas dentro das fronteiras nacionais, mas também além delas.

Essas transformações e a ousadia da China comunista sob Mao enviaram ondas de choque que reverberaram por todo o mundo. Curiosamente, a Albânia foi o único outro país que tentou seguir os passos dessa campanha revolucionária, reconhecida como uma nação verdadeiramente socialista.

Segundo Gelinas, a Grande Revolução Cultural Proletária (GRCP), tinha como objetivo revolucionar a sociedade e avançar em direcção ao comunismo através da mobilização coletiva das massas na luta de classes; não tendo nada a ver com revolucionar os indivíduos no sentido moral (GELINAS, 2015).

Kim Il-sung, ciente da divergência entre o Juche e a abordagem marxista-leninista-maoísta da luta de classes, estava preocupado com a possibilidade de uma onda de rebelião semelhante à Revolução Cultural na China se espalhar para a Coreia do

Norte. Para evitar tal cenário, foram tomadas medidas para consolidar ainda mais o poder do Estado e do partido. A principal preocupação residia na ameaça de uma revolução cultural interna que desafiaria a liderança coreana.

Essas medidas incluíram o fortalecimento do controle do Estado e do partido sobre a sociedade, visando suprimir qualquer movimento que pudesse questionar ou desafiar o status quo. Ao contrário da visão da Revolução Cultural de Mao, que buscava mobilizar as massas na luta de classes para avançar em direção ao comunismo, a liderança da Coreia Popular estava mais preocupada em manter sua autoridade e evitar qualquer desafio interno à sua hegemonia política.

Isso sugere que existia uma preocupação e reação enérgica à Revolução Cultural chinesa sendo atribuídas à natureza revisionista e à suposta inclinação para a via capitalista da liderança coreana, à presença de burocratas no estado e à ausência de uma oposição de esquerda significativa dentro do partido. Em outras palavras, se a liderança coreana não fosse revisionista, se o estado não estivesse permeado por burocratas, ou se houvesse uma oposição de esquerda efetiva dentro do partido, Kim Il-sung e a linha direita não sentiriam a ameaça representada pela Revolução Cultural.

Além disso, a liderança coreana recebeu de forma favorável a contrarrevolução na China liderada por Deng Xiaoping, indicando uma afinidade ideológica com os seguidores da via capitalista. A melhoria nas relações entre o “Partido dos Trabalhadores da Coreia” e o “Partido Comunista Chinês” após a ascensão dos seguidores da via capitalista na China destaca essa afinidade e sugere uma aliança entre os dois países em detrimento da influência da revolução cultural e das ideias mais radicais na China.

Na Coreia Popular, observamos uma dinâmica social que diverge da experiência chinesa durante a Revolução Cultural Proletária. Enquanto na China foram empreendidos esforços para reduzir as desigualdades entre trabalho manual e intelectual, na Coreia Popular, essas diferenças persistem, refletindo a situação prévia à revolução. Isso indica que, ao contrário do processo de transformação social e econômica vivenciado na China durante o GPCR, a Coreia Popular manteve uma estrutura social mais hierárquica e conservadora.

Além disso, é perceptível que o desenvolvimento econômico se concentra predominantemente na capital, deixando as áreas rurais em condições de pobreza. Essa

disparidade ressalta uma falta de equidade e uma distribuição desigual de recursos e oportunidades dentro do país. Enquanto Pyongyang prospera com avançadas tecnologias e uma forte urbanização, as áreas rurais enfrentam dificuldades significativas. Essa divergência evidencia desafios substanciais para a suposta sociedade “socialista”.

A analogia com a experiência da ex-Iugoslávia de Tito é pertinente, onde as regiões mais industrializadas, como a Eslovênia e a Croácia, contrastavam fortemente com a situação mais subdesenvolvida e pobre da Macedônia, Montenegro e Kosovo. A Sérvia, apesar de ser o maior agrupamento nacional, estava em uma zona relativamente mais pobre. Essas divisões sócio-econômicas dentro da Iugoslávia tornaram-se ainda mais agudas ao longo das décadas, criando uma base para o antagonismo.

Essa semelhança aponta para uma situação na Coreia Popular que ecoa tal cenário. Assim como na Iugoslávia, a Coreia Popular parece estar criando uma disparidade econômica e social entre a capital e as áreas rurais, priorizando o desenvolvimento urbano em detrimento do rural. Esse modelo, que negligencia as necessidades e o progresso das áreas rurais, pode levar à ascensão de uma classe burguesa burocrática, semelhante ao que ocorreu na Iugoslávia, gerando um conflito interno que ameaça a estabilidade do país.

De fato, essa situação reflete a influência do nacional-chauvinismo, para o qual não há definição mais apropriada da experiência na Coreia Popular do que a de uma nação reacionária de caráter fascista.

“Peru Orders Weapons from North Korea”, 1988, UPI Archives. O Juche, uma ideologia proclamada pela família Kim na Coreia do Norte, é desacreditado como guia revolucionário universal, pois as revoluções predominantes seguem o modelo marxista. O Juche é visto como uma falácia chauvinista para manter o poder, enquanto o Marxismo-Leninismo-Maoísmo é reconhecido como a única ideologia universalmente válida. Além disso, o Juche nunca foi adaptado para ser aplicável globalmente e suas alianças controversas, como o apoio ao governo fascista peruano durante a Guerra Popular Peruana, questionam sua natureza revolucionária e caracterizam a atuação de estados revisionistas.

Conclusão:

A República Popular Democrática da Coreia emergiu em meio a duas guerras imperialistas devastadoras, fornecendo um contexto favorável para o estabelecimento de um Estado Socialista. No entanto, esse potencial não se concretizou devido a uma série de fatores, incluindo o nacional-chauvinismo promovido pela dinastia Kim na Coreia Popular. Através da filosofia Juche, uma abordagem revisionista e metafísica desprovida de elementos marxistas-leninistas-maoístas, a liderança coreana adotou uma postura fundamentalmente antimarxista.

Essa filosofia, essencialmente contrária ao marxismo, manifestou-se na oposição à revolução cultural, à dialética, ao materialismo e a outros princípios centrais. Essa orientação levou à caracterização da Coreia Popular não apenas como um Estado fascista, mas também à implementação da política Songun, que transformou as forças armadas em um instrumento de controle burguês, sob o pretexto de "centralizar os assuntos militares na construção do socialismo coreano".

Esses desenvolvimentos são objeto de repúdio entre os marxistas-leninistas-maoístas, que devem aprofundar a crítica das contradições inerentes a tais desvios. Kim Il-Sung, embora possuísse o potencial para liderar a construção de um Estado Socialista na Coreia, optou por perpetuar-se no poder por meio de medidas nacional-chauvinistas, recorrendo a expurgos e utilizando as forças armadas burguesas como instrumento de controle.

BIBLIOGRAFIA:

CUMINGS, Bruce. **“Korea’s Place in the Sun: a Modern History”**. New York: W.W. Norton. 2005. pp. 421–22.

ENGELS, F. **Anti-Dühring**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. RocketEdition, 1999.

GELINAS, Serge. **North Korea: Socialism is Not Only Anti Imperialism. Democracy and Class Struggle**, 2015. Disponível em: <https://democracyandclasstruggle.blogspot.com/2015/08/north-korea-socialism-is-not-only-anti.html> Acesso em: 31 de Dezembro de 2023

GUANGXY, Jin. “The August Incident” and the Destiny of the Yanan Faction. **International Journal of Korean History** Vol.17 No.2. 2012

IL-SUNG, Kim. **Sobre los problemas del periodo de transición del capitalismo al socialismo y de la dictadura del proletariado**. Marxists Internet Archive, diciembre de 2009. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/kim/1967/mayo25.htm>

JONG-IL, Kim. **“On the Juche Idea: Treatise Sent to the National Seminar on the Juche Idea Held to Mark the 70th Birthday of the Great Leader Comrade Kim Il Sung”**. 31 de Março de 1982. Disponível: <https://www.marxists.org/archive/kim-jong-il/works/On-The-Juche-Idea.pdf>

_____. **Treatise published in Rodong Sinmun, organ of the Central Committee of the Workers’ Party of Korea**. 1 de Novembro de 1994

_____. **Socialism is a Science: Treatise published in Rodong Sinmun, organ of the Central Committee of the Workers’ Party of Korea**. 1 de Novembro de 1994. Disponível em: <http://aindft.com/English/juche/2-941101.htm>

_____. **“On Some Problems of Education in the Juche Idea”** in: *On Carrying Forward the Juche Idea*. Pyongyang. 1995.

_____. **On Having a Correct Viewpoint and Understanding of the Juche Philosophy. Talk to the Senior Officials of the Central Committee of the Workers’ Party of Korea**. 25 de Outubro de 1990. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/kim-jong-il/works/On-Having-A-Correct-Viewpoint-And-Understanding-Of-The-Juche-Philosophy.pdf>

Leon Levy Foundation. **The DPRK Attitude Toward the So-called 'Cultural Revolution' in China.** Wilson Center, 1967. Disponível em: <https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/dprk-attitude-toward-so-called-cultural-revolution-china>

Maoist98. **A Critique of Juche: An in depth exploration of Juche Ideology and its relationship to Marxism.** Six Head Study, 2020. Disponível em: <https://sixheadstudy.wordpress.com/2020/09/24/a-critique-of-juche/> Acesso em 20 de Janeiro de 2024

PERSON. James F. **New Evidence on North Korea in 1956.** Cold War International History Project Bulletin, Issue 16.

Politburo of the Central Committee of the Communist Party of China. **Letter from Seo Hwi, Yun Gong-heum, Li Pil-gyu, and Kim Gwan to the Chinese Communist Party Central Committee.** Setembro de 1956. Disponível em: <https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/letter-seo-hwi-yun-gong-heum-li-pil-gyu-and-kim-gwan-chinese-communist-party-central>

SAVADA, Andrea Matles. **North Korea: A Country Study.** Washington: GPO for the Library of Congress, 1993.

UPI ARCHIVES. **Peru orders weapons from North Korea.** 1988. Disponível em: <https://www.upi.com/Archives/1988/03/23/Peru-orders-weapons-from-North-Korea/1562575096400/> Acesso em: 31 de Dezembro de 2023

Wilson Center. **Draft of a Statement by Yun Gong-heum at the CC Plenum of the Korean Workers' Party in August 1956.** 30 de Agosto de 1956. Disponível em: <https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/draft-statement-yun-gong-heum-cc-plenum-korean-workers-party-august-1956>

ZEDONG, Mao. **Sobre a Prática & Sobre a Contradição.** Editora Expressão Popular, São Paulo. 1999

_____. **On the Correct Handling of Contradictions Among the People.** Foreign Languages Press, Peking. 1960.